



Enganos providenciais...

ÀS VEZES, AS PALAVRAS TROCADAS PODEM SER RESPONSÁVEIS POR FRASES BEM MELHORES...

Pronto, lá começamos outro ano. (Como estou a escrever ainda com grande dificuldade por causa de uma operação à vista de que – toda a gente me assegura – se recupera muito lentamente, às vezes há palavras que escrevo mal, e lá vou emendá-las. Mas agora até me ri porque, em vez de «ano» apareceu-me no ecrã a palavra «asno»... Realmente isto anda tudo tão mau, e as pessoas que têm responsabilidades parecem-me todas tão burras que, se calhar, o «asno» nem ficava assim tão despropositado.)

E fico aqui a pensar como às vezes as palavras trocadas podem ser responsáveis por frases bem melhores...

Nos saudosos tempos da tertúlia do Café Monte Carlo... Bem, hoje em dia vocês muito possivelmente nem sabem o que é uma tertúlia, e do Café Monte Carlo, mesmo os que sempre viveram em Lisboa nunca devem ter ouvido falar. Por isso faço aqui um parêntesis, antes de continuar o que ia dizer, para vos explicar.

Há muitos, muitos anos (quando um dos

meus netos era pequenino, quando eu dizia isto interrompia sempre para perguntar «ainda havia dinossauros, avó?»), é verdade que ainda não havia computadores, nem telemóveis, nem consolas de jogos, nem iPads, nem nada dessas coisas, mas havia um bem muito mais precioso que as pessoas tinham e hoje não têm. Um bem muito mais importante que todas as tecnologias, que

todos vocês deviam ler o romance *As Aventuras de João Sem Medo*, recentemente reeditado) e Carlos de Oliveira (autor de vários romances, entre eles *Uma Abelha Na Chuva*, que já pertenceu aos livros de leitura obrigatória nas escolas, quando nas escolas se ensinava literatura...). Depois a estes se iam juntando outros, e ali ficávamos discutindo pela tarde fora.

Eu era muito jovem, tinha acabado de entrar para o jornalismo, e ver-me aceite por aqueles «monstros sagrados» da literatura, e poder

“Mais importante que as tecnologias: o tempo!”

todas as invenções.

As pessoas tinham tempo.

As pessoas tinham tempo para trabalhar e tempo para não trabalhar, tempo para estar com outras pessoas, tempo para conversar, tempo para ler livros (ou ir ao teatro, ou ir ao cinema ou ir a uma exposição, ou ir ouvir música) e tempo para falar de tudo isto com os amigos.

Havia tempo – coisa que hoje já ninguém sabe o que é.

Hoje corre-se esbafoidamente de um lado para o outro e nunca se faz nem metade do que se quer.

Pois nesse tempo em que havia tempo para perder tempo, as pessoas (escritores, jornalistas, pintores, etc.) juntavam-se em pequenos grupos e conversavam de assuntos que lhes interessavam, que as uniam.

Eram as tertúlias.

Geralmente as tertúlias faziam-se à mesa dos cafés. E cada café tinha a sua tertúlia própria. Eu ainda tive a sorte de pertencer a uma das últimas tertúlias de Lisboa, numa mesa do Café Monte Carlo, no Saldanha. Hoje, do café nem rasto, há muito substituído pela Zara...

Nessa pequena mesa redonda, logo à direita de quem entrava, se reuniam todos os dias os escritores José Gomes Ferreira (de quem





«Há quem, por simples acaso, possa melhorar o que fazemos.»

participar das suas discussões, enchia-me de orgulho.

Aquela tertúlia foi, verdadeiramente, a minha universidade.

E regressemos então ao que eu estava a contar no início, ou seja, ao facto de algumas palavras erradas serem melhores do que as certas.

José Gomes Ferreira era um dos autores dos poemas das chamadas «Canções Heróicas», musicadas pelo compositor Fernando Lopes Graça.

Nos tempos antes do 25 de Abril eram canções de resistência que se ouviam muito – e continuam a ouvir-se de vez em quando...

E contava muitas vezes José Gomes Ferreira que um erro teria sido bem melhor do que o original que ele tinha escrito... Já quase a

terminar o poema ele escrevera: «Havemos de chegar ao fim da estrada/ao som desta canção!»

E um dia viu a letra da canção reproduzida num jornal com uma gralha: «havemos de chegar ao fim da estrada/ ao SOL desta canção!»

É claro, dizia ele, que o engano é bem melhor e tem muito mais força.

Ainda tentou emendar, ainda há pessoas que o cantam... mas a maior parte vai pela facilidade do «som»...

Por isso é preciso estarmos atento porque há quem, por simples acaso, possa melhorar o que fazemos.

Em todos os aspetos da nossa vida. ■